

## Nietzsche e a educação: autonomia, cultura e transformação

Marcos de Camargo Von Zuben \*  
Rodolfo Rodrigues Medeiros \*\*

Data de submissão: 13 fev. 2013

Data de aprovação: 23 abr. 2013

### Resumo

O presente artigo promove uma reflexão acerca do papel e da finalidade da educação tendo por base o pensamento do filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844 - 1900). Partir-se-á da crítica nietzschiana ao sistema educacional alemão de sua época. Num segundo momento, serão expostas suas reflexões acerca da autenticidade de conceitos como autonomia, liberdade e cultura. Por fim, será discutido o papel da educação nietzschiana. Voltada para a autossuperação, nela a cultura é tratada como um fim e não como um meio.

**Palavras-chave:** Autonomia. Educação. Cultura. Nietzsche. Transformação.

This article promotes a reflection about the role and purpose of education based on the thought of German philosopher Friedrich Nietzsche (1844-1900). It shall be from the Nietzsche's censure to the German educational system of his day. In a second moment, will be exhibited his reflections about the authenticity of concepts such as autonomy, freedom and culture. Finally, it will be discussed the role of Nietzschean education. Facing the self-overcoming, for her the culture is treated as an end and not a means.

**Keywords:** Autonomy. Education. Culture. Nietzsche. Transformation.

---

\* Doutor em Filosofia pela Unicamp, professor adjunto do departamento de filosofia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN. Apoio MCT/CNPq e Governo do Estado do Rio Grande do Norte/FAPERN (E-mail: zuben@uol.com.br).

\*\* Graduado (Licenciatura) em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN, Campus Caicó - CaC. Atualmente, leciona filosofia para alunos do Ensino Médio no Colégio Diocesano Seridoense (CDS), instituição da rede privada de ensino da cidade de Caicó/RN (E-mail: rodolfo.caico@hotmail.com).

## Introdução

A educação é um tema que sempre mereceu a atenção de inúmeros filósofos, desde Platão (427 – 347 a.C.), Aristóteles (384 – 322 a.C.), Jean-Jacques Rousseau (1712 – 1778) a Immanuel Kant (1724 – 1804) etc. Tal temática também foi objeto de crítica e reflexão do filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844 – 1900), e o presente trabalho irá apresentar algumas das ideias relacionadas à concepção educacional de tal filósofo. Para tanto, serão expostas as críticas feitas por Nietzsche à educação de seu tempo, posteriormente discutir-se-á sobre o problema que ele apresenta com relação à autenticidade de conceitos como autonomia, liberdade e cultura, que também podem ser considerados conceitos estruturadores das bases educacionais contemporâneas, chegando, por fim, aos objetivos da educação para o mesmo.

Tal empreendimento será feito tendo como fundamento principal a obra: *Escritos sobre Educação*, essa obra contém as conferências proferidas por Nietzsche na Basileia, sob o título de *Sobre o Futuro dos Nossos Estabelecimentos de Ensino*, e inclui também sua *III Consideração Intempestiva: Schopenhauer Educador*. Aqui se optou pela escolha dessas obras porque elas se complementam e, de certa forma, uma dá continuidade às discussões iniciadas na outra. Pois, afirma-se que para elaborar a III Consideração Intempestiva, Nietzsche utiliza-se de: “[...] anotações que fizera para a sexta e a sétima conferências, não proferidas, *Sobre o Futuro dos Nossos Estabelecimentos de Ensino*” (DIAS, 2003, p. 43).

Para melhor compreender as críticas imputadas por Nietzsche ao sistema educacional alemão de seu tempo é preciso saber qual é o tempo, o período histórico em questão. Dessa forma, faz-se necessária a promoção de uma pequena contextualização histórica acerca da Alemanha vivenciada por Nietzsche. No entanto, vale ressaltar que a “Alemanha de Nietzsche” corresponde à Alemanha da segunda metade do século XIX e nessa fase o país sofreu profundas alterações no setor sócio-político-econômico, dessa forma, para entender essas mudanças é necessário empreender um recuo histórico ainda maior. Então, será feita uma breve explanação sobre o período histórico que antecedeu a “Alemanha de Nietzsche”.

## Breve contextualização histórica

No período correspondente ao século XVII e início do século XVIII a Alemanha era um país totalmente fragmentado, cuja economia era

mercantilista. Ela era constituída por estados independentes, autônomos e, por vezes, rivais entre si. É interessante observar que:

O território, no qual irá constituir-se a nação alemã, acha-se no século XVII esfacelado em 300 Estados independentes e autônomos. O poder está nas mãos dos príncipes que regem livremente a política territorial e os negócios estrangeiros; cada cidadão tem uma função determinada e, sem tomar iniciativas, desempenha suas tarefas com cega obediência (MARTON, 2008, p. 25).

Neste contexto fortemente marcado por limitações, restrições sociais, os intelectuais alemães se viram forçados a deixar seus Estados de origem e se lançarem para outras nações, constituindo-se assim numa classe de intelectuais cosmopolitas, que apresentavam ideais, pensamento de cunho cosmopolita. Porém, no início do século XIX, tentando promover, assegurar a permanência dos intelectuais alemães no território alemão bem como favorecer o surgimento de uma classe intelectual com um pensamento de caráter nacionalista, Friedrich August Wolf (1759 - 1824) iniciou uma reforma no ensino secundário alemão, que, por sua vez, também acabou concorrendo para a fundação da Universidade de Berlim. Tal mudança educacional foi fortemente influenciada pelas ideias neo-humanistas.

Com essa reforma, a educação alemã passa a ser baseada no ensino da Filologia que “[...] constitui-se, então, como ‘ciência da Antiguidade’. [...] ela permite que se ensine aos jovens as línguas clássicas e ao mesmo tempo a eles se proponha um modelo estético e moral inspirado na antiga Grécia” (MARTON, 2008, p. 29). Mas, esse modelo educacional não durou muito, pois em 1830 o ideário neo-humanista deixa de ser levado em conta pela Prússia, que era o estado detentor da principal força bélica alemã e grande responsável pela unificação do país. Esse desinteresse pela formação humanista se deu principalmente por causa da alteração dos interesses econômicos do país, que devido ao desenvolvimento da indústria passaria a construir uma economia capitalista.

Com o fim do processo de unificação<sup>1</sup>, a Prússia tratou de elaborar uma estratégia capaz de assegurar com que os diversos Estados alemães permanecessem ao seu redor e, ao mesmo tempo, garantir uma educação que habilitasse, preparasse a população para atender às novas necessidades

---

<sup>1</sup> O processo de unificação da Alemanha foi concluído em 1871, logo após a vitória alemã na Guerra Franco-Prussiana. A unificação foi liderada por Otto von Bismarck, que na época era o primeiro-ministro prussiano, ele também ficou conhecido como *Chanceler de Ferro*.

econômicas. Pensando nisso, ela resolve proceder da seguinte maneira: “por um lado, ela tenta uniformizar a cultura e o ensino, de modo a suprimir as diferenças e especificidades regionais. Por outro, com a efetivação da indústria, surge a necessidade de ampliar o mercado interno e formar mão-de-obra especializada” (MARTON, 2008, p. 31). Essa tentativa de uniformização da cultura e do ensino alterou todo o sistema educacional alemão. E Nietzsche criticou veementemente este novo modelo educacional, tema tratado a seguir.

### **Nietzsche e a crítica aos estabelecimentos de ensino**

A formação humanista, tão reverenciada pelos alemães no século XVIII, e início do século XIX agora dá lugar a uma formação tecnicista, utilitarista. E Nietzsche infere várias críticas a esse sistema educacional, afirmando que o mesmo é pautado numa lógica meramente econômica. Ele afirma que a formação ofertada nas instituições de ensino alemãs visa apenas formar indivíduos para o trabalho, quando deveriam promover uma educação que tivesse por objetivo assegurar a elevação cultural do indivíduo. Eis o que, para Nietzsche, deveria constituir a real finalidade da educação: promover a elevação cultural (NIETZSCHE, 2003a; 2003c).

Ele afirma que nos estabelecimentos de ensino alemães de sua época se faziam presentes duas tendências educacionais que concorriam para o fim da verdadeira cultura: a tendência à ampliação e extensão da cultura, que corresponde a uma tentativa de universalização da cultura, uma cultura massificada e massificadora; e a tendência à redução, ao enfraquecimento da cultura, que corresponde à especialização profunda acerca de determinado assunto, um aprofundamento que acaba promovendo um déficit com relação aos conhecimentos culturais gerais (NIETZSCHE, 2003c).

A corrente que aposta na ampliação cultural representa uma tendência que visa à universalização da cultura, pois consiste numa propagação cultural que pretende alcançar a um número cada vez maior de indivíduos. É uma corrente que está mais preocupada em atender a critérios quantitativos do que qualitativos. A cultura reproduzida por esta tendência é uma cultura essencialmente utilitarista, pois a educação ofertada por ela visa atender as necessidades do Estado e do mercado. O objetivo dessa educação não é promover a cultura elevada, sua finalidade é formar uma classe trabalhista, é uma cultura que visa à massificação e à domesticação dos indivíduos e, portanto, não tem nada a ver com a cultura nobre.

Com relação à segunda tendência (a redução da cultura) é possível inferir que sua atenção também não é voltada para a verdadeira elevação cultural, pois o que ela realiza é uma espécie de afunilamento, um estreitamento cultural. Essa tendência produziria o erudito, o indivíduo que apresenta grande saber, porém, saber esse que é extremamente particular: quanto mais se especializa em sua área, mas se afasta das demais, e essa formação também não seria capaz de favorecer a verdadeira elevação cultural do educando.

Ainda acerca das características do erudito, Nietzsche chega a compará-lo a um trabalhador fabril. A esse respeito, ele escreve:

Assim, um erudito, exclusivamente especializado, se parece com um operário de fábrica, que durante toda sua vida, não faz se não fabricar certo parafuso ou certo cabo para uma ferramenta ou uma máquina determinadas, tarefa na qual ele atinge, é preciso dizer, uma incrível virtuosidade. (NIETZSCHE, 2003c, p. 64)

Através da análise dessas duas tendências educacionais (ampliação e redução da cultura), torna-se claro que ambas pregam e propagam um ensino cujos fins são visível e meramente utilitários, afinal, seus objetivos resumem-se à tarefa de capacitar, preparar, formar, adestrar trabalhadores para o mercado, funcionários para o Estado, e eruditos, especialistas para as universidades.

Assim, evidencia-se que tais correntes educacionais não almejam promover a elevação cultural do indivíduo, não são capazes de formar grandes homens, seres únicos; ao contrário, essas tendências são forças, mecanismos niveladores, ou seja, pretendem suprimir, eliminar as individualidades. Com isso, é possível afirmar que tal ensino consiste num mecanismo educacional cuja principal finalidade é realizar uma espécie de linha de produção em série de indivíduos medíocres, comuns, adestrados, representa um ensino universalizador, massificador, em outras palavras, a formação oferecida é uma educação de “rebanho”.

Mas, apesar de todas essas críticas, Nietzsche não defende a extinção de tais instituições de ensino, o mesmo reconhece a importância de entidades que ofertem conhecimentos que, de certa forma, garantirão a subsistência do indivíduo. Portanto, elas consistem em instituições que preparam o indivíduo para a sobrevivência, mas não para a cultura. Sobre este aspecto, ele escreve que:

Para viver, para travar sua luta pela existência, o homem deve aprender muito, mas tudo o que ele, enquanto indivíduo, aprende e

faz com esse desígnio nada tem a ver com a cultura. Ao contrário, esta só tem início numa atmosfera que está muito acima desse mundo das necessidades, da luta pela existência, da miséria (NIETZSCHE, 2003c, p.103).

Então, o que Nietzsche critica é essa máscara que os estabelecimentos de ensino insistiam em usar ao tentarem se passar por instituições de promoção da cultura: elas são instituições de ensino, mas não são instituições que promovem a cultura superior. Dessa maneira, pode-se afirmar que, de acordo com Nietzsche, na Alemanha de sua época existiam estabelecimentos de ensino, mas não instituições educacionais. Eram estabelecimentos de ensino porque de fato ensinavam conhecimentos necessários à subsistência do indivíduo e da sociedade, pois geravam mão-de-obra para o mercado, funcionários para o Estado, e eruditos para as universidades, ou seja, a formação ofertada visava fins utilitaristas.

No entanto, tais estabelecimentos, na realidade, não eram educacionais porque, para Nietzsche, a verdadeira educação deve promover a elevação cultural, e a promoção da cultura nada tem a ver com profissionalização, com objetivos pautados em fins econômicos, utilitaristas, que tenham em vista a obtenção de qualquer ganho material. Pois, para o mesmo:

[...] toda educação que deixa vislumbrar no fim de sua trajetória um posto de funcionário ou um ganho material não é uma educação para a cultura tal como a compreendemos, mas simplesmente uma indicação do caminho que pode percorrer para o indivíduo se salvar e se proteger na luta pela existência (NIETZSCHE, 2003c, p.105).

Assim, tal filósofo entende que um sistema de ensino que tenha por fim alcançar desígnios financeiros ou utilitaristas não pode ser chamado de sistema educacional, pois ele é apenas uma forma de instrução, e não de educação. Na realidade, o citado filósofo, prega uma oposição entre “estabelecimentos para a cultura”, que consistiriam em instituições de ensino voltadas unicamente para garantir a elevação cultural do estudante; e os “estabelecimentos para as necessidades da vida”, que seriam as instituições que ofertariam conhecimentos voltados para o atendimento destas necessidades econômicas, e nestas últimas se daria a qualificação profissional. Mas, apenas as primeiras seriam consideradas instituições de educação (NIETZSCHE, 2003c).

O fato é que o objetivo da formação ofertada nos estabelecimentos de ensino alemães criticados por Nietzsche era produzir indivíduos comuns,

domesticados, adestrados. A finalidade desse ensino era formar sujeitos para servir às necessidades, aos interesses do Estado, do mercado, enfim, tentava igualá-los, nivelá-los, uniformizá-los para sua melhor utilização, manipulação, controle. Essa forma de educação não gerou seres únicos, ao contrário, ela gerou apenas seres medíocres. Essa instrução não poderia ser considerada uma educação, pois a verdadeira educação consiste em fazer despertar, eclodir, explodir, libertar as singularidades, as potências individuais.

Portanto, pode-se dizer que a educação nietzschiana não é voltada para a formação de indivíduos massificados, comuns. Para o mesmo, a educação deve consistir num processo que possibilita o cultivo, o nascimento de homens superiores<sup>2</sup>, autônomos e livres. Aliás, os conceitos de autonomia e liberdade, que também eram apontados como conceitos norteadores das ações educacionais das instituições alemãs apresentavam conotações que, na verdade, pareciam contrariar seus reais significados. E a seguir será discutido este equívoco conceitual que cercava tais termos.

### **Educação nietzschiana: conceitos norteadores**

Como já mencionado, alguns dos conceitos que embasam, norteiam, estruturam a concepção educacional de Nietzsche são termos como *autonomia, libertação e cultura*. Eles não são os únicos termos que podem ser apontados como centrais e essenciais em sua concepção pedagógica, mas, optou-se aqui por empreender na análise de tais conceitos pelo fato de que no sistema educacional brasileiro contemporâneo eles também detêm uma posição de destaque. Assim, a análise e discussão acerca de tais conceitos poderiam contribuir para uma reflexão da educação brasileira atual.

Nietzsche atenta para o fato de que, nos estabelecimentos de ensino alemães de sua época, o significado desses termos foi deturpado, ou seja, ele põe em xeque a autenticidade de tais conceitos. A discussão sobre a conceituação de tais termos tem por finalidade promover a seguinte reflexão: a crítica realizada por Nietzsche à autenticidade dos conceitos que norteavam a educação de sua época (autonomia, liberdade e cultura) poderia ser estendida às ideias de autonomia, liberdade e cultura presentes em nossas instituições de ensino contemporâneas? Adiante será abordada a

---

<sup>2</sup> O homem superior, ou nobre, seria uma contraposição ao homem de “rebanho”, medíocre, massificado. Corresponderia também ao indivíduo marcado pela constante autossuperação.

concepção nietzschiana, sobretudo no que diz respeito a seu pensamento pedagógico, sobre os referidos termos.

### 1. Autonomia: criação ou reprodução?

A primeira discussão é referente à ideia de autonomia. É preciso ressaltar que Nietzsche entende que um dos erros da educação alemã que ele critica é conceder aos alunos do *Gymnasium*<sup>3</sup> autonomia numa fase em que eles ainda não estão prontos para tê-la, e esse mesmo problema é estendido ao ensino universitário (NIETZSCHE, 2003c). Ele afirma que nas instituições de ensino alemãs os alunos são bombardeados de informações e problemas com os quais ainda não estão preparados para lidar, não estão intelectualmente maduros o suficiente para refletir, pensar de maneira considerável, crítica e original sobre tais questões.

O citado filósofo acreditava que o discente do ginásio e da universidade ainda não podia ser deixado à sua própria autonomia, ele não estava apto para tanto, não tinha maturidade suficiente para encarar, sozinho, a difícil tarefa de “se educar a si mesmo”, de encontrar os caminhos que o leve rumo à cultura elevada. Com isso, se observa que, para Nietzsche, ainda não se pode depositar autonomia ao aluno do ginásio e da universidade, pelo menos, não no âmbito das suas atividades acadêmicas, pois ambos carecem, necessitam de um modelo, um exemplo educacional que lhes sirva de guia e até parâmetro para sua própria formação cultural.

Então, a concepção educacional de Nietzsche é baseada na autoridade total do educador, do homem, do mestre cultivado sobre o educando ainda imaturo culturalmente, pois, no que diz respeito a uma educação voltada para a promoção da elevação cultural, nada pode suprir a ausência desses grandes guias, sem eles o jovem não será capaz de descobrir o caminho que o conduza a cultura nobre. Para o referido filósofo: “toda cultura começa, ao contrário de tudo o que se elogia hoje com o nome de liberdade acadêmica, com a obediência, com a disciplina, com a instrução, com o sentido do dever” (NIETZSCHE, 2003c, p. 135).

No entanto, Nietzsche põe a autonomia como um resultado a ser pretendido pela educação, ele defende que é preciso educar para se ter autonomia, mas durante o processo educacional o aluno deve seguir as

---

<sup>3</sup> Este nível escolar engloba as séries que constituem os níveis educacionais correspondentes ao Ensino Fundamental II e Ensino Médio brasileiro (Cf. DIAS, 2003, p. 17).

orientações dos seus mestres, que são mais experientes e certamente mais sábios, pois os alunos ainda não teriam a capacidade para “se guiarem a si mesmos”. O fato é que ele defende uma educação que seja capaz de desenvolver a autonomia do educando, mas essa autonomia só será concedida aos discentes quando eles realmente tiverem maturidade intelectual e cultural para usá-la. Adiante, dar-se-á a (re) conceituação que ele opera acerca do termo autonomia.

É reconhecida a importância de desenvolver no indivíduo a capacidade para a autonomia, porém esse conceito vem sempre acompanhado de várias normas e regras que se devem aceitar, confiar e serem seguidas por toda vida. Contudo, essas normas são criadas e impostas pela sociedade, sendo assim, essa autonomia seria, na realidade, uma espécie de “heteronomia” disfarçada, camuflada. A seguinte passagem explicita bem esse fato, nela seu autor escreve que quando o homem “[...] deixa de obedecer a deus ou ao rei ou ao pai ou ao amo, quando se emancipa de qualquer autoridade exterior, aparecem em cena a razão e a consciência que o obrigam a seguir obedecendo” (LARROSA, 2002, p. 113).

Com isso, fica evidente o fato de que, na realidade, isso não é uma autonomia, não é baseada, nem guiada por uma consciência do indivíduo, é uma “consciência” cuja origem é social e foi paulatinamente implantada pela sociedade e aceita pelo indivíduo. A ideia de autonomia parece então poder ser definida como a simples capacidade para entender e seguir regras, normas, costumes, valores morais. Mas, isso é mesmo autonomia? Seguir algo sem questioná-lo, sem pô-lo em discussão, sem criticá-lo? Isso mais parece uma domesticação. Essa forma de autonomia não é pautada em princípios racionais, pois boa parcela dos seres irracionais também pode ser domada, domesticada, também é capaz de acatar, obedecer a ordens sem questioná-las.

Portanto, a ideia de autonomia não pode se resumir à tarefa de seguir determinadas regras, valores morais, até porque a validade desses valores não é universal, ou seja, os valores morais são mutáveis. Nietzsche atenta para o fato de que no decorrer da história da humanidade ocorreram inúmeras mudanças, inversões no que diz respeito aos valores morais e éticos. Como exemplo dessa inversão de valores o filósofo alemão cita o casamento, escrevendo o seguinte: “[...] o casamento, por exemplo, foi por muito tempo uma ofensa aos direitos da comunidade; pagava-se uma sanção por ser tão imodesto e ter a pretensão de querer uma mulher só para si” (NIETZSCHE, 1998, p. 103).

Através desse exemplo fica nítida a existência de uma inversão de valores, pois antes para se casar era preciso pagar uma sanção, como se essa

sanção fosse, de certa forma, uma punição por estar se casando, mas hoje o casamento é quase cultuado, e, por vezes, representa uma “porta de entrada” para uma melhor aceitação na sociedade. Ou seja, um fato que antes, de certo modo, era punido, hoje é incentivado. Com isso, fica evidente a mutabilidade dos valores morais, e justamente por esse motivo é que eles não podem ser apontados como os únicos guias capazes de auxiliar e fundamentar as ações e decisões do indivíduo. O indivíduo deve ser capaz de identificar, criar seus próprios “valores guias”.

A autonomia almejada por Nietzsche não é a autonomia engessada, aleijada, conformista que “ensina” o homem a pautar seus juízos, decisões, escolhas e ações em valores morais metafísicos que se pretendem absolutos, mesmo porque, como se pode notar, tais valores não são absolutos, eles são passíveis de avaliação e mudança (NIETZSCHE, 1998). Dessa forma, pode-se afirmar que o ponto de partida da pedagogia nietzschiana se baseia na compreensão da ideia de que a educação não deve orientar o indivíduo para a seleção ou para o culto dos valores em curso, mas sim entendê-lo como um criador, um construtor de novos valores.

Eis a real autonomia almejada pelo ideal de educação nietzschiano: a elaboração de valores por parte do indivíduo livre e autônomo. E isso é necessariamente nessa ordem, pois a liberdade, ou melhor, a libertação não está apenas ligada à autonomia, aquela é condição para essa. A proposta educacional de Nietzsche tem como um de seus objetivos a promoção da libertação do indivíduo. Tal filósofo parecia não concordar com a ideia de liberdade que ele via ser propagada nas instituições de ensino. Mas, qual o motivo da insatisfação de Nietzsche com relação à concepção de liberdade disseminada pelo sistema de ensino alemão de sua época? E qual seria o conceito de libertação que ele pretende evocar em sua proposta educacional? Tais questionamentos serão discutidos a seguir.

## 2. Libertação da liberdade

Com relação à noção de liberdade presente nos estabelecimentos de ensino alemães, se percebe que essa ideia está fortemente atrelada aos valores inspirados no capitalismo. Ou seja, a noção de liberdade é ligada a desejos, aspirações voltadas para o consumo. É um conceito de liberdade vinculado a fatores financeiros, econômicos. Liberdade é poder atender a desejos de consumo, mas para atender a esses desejos é preciso ter dinheiro, e para ter dinheiro é preciso trabalhar. E a liberdade custa caro, alguns

trabalham a vida inteira e não conseguem comprá-la! Talvez isso se dê porque num lugar onde a concepção de liberdade está pautada em fins capitalistas “[...] não há liberdade possuída ou concluída, mas uma espécie de liberdade provisória sempre incompletamente realizada” (LARROSA, 2002, p. 96), pois quanto mais se consome, mais surgem novos sonhos de consumo. Esse conceito de liberdade parece ter invertido a natureza do homem, pois se antes ele consumia para viver, agora ele só vive para consumir. Por mais contraditório que se pareça, o que ocorre é que, na realidade, essa liberdade está escravizando o homem.

Parte das críticas observadas até aqui podem ser remetidas a educação e sociedade atuais, mas é através do diagnóstico acerca desse conceito de liberdade que a atualidade das críticas de Nietzsche se desenha de forma mais nítida. Pois, de imediato se pode perceber que tal noção de liberdade ainda hoje é observada em nossa sociedade e talvez até de forma ainda mais acentuada, intensa e arraigada do que o era na época de Nietzsche. Essa liberdade se traduz em uma postura consumista que atinge grande parcela da sociedade, e parte da culpa disso pode sim ser direcionada aos estabelecimentos de ensino atuais. Essa culpa se dá não porque essa postura consumista seja propagada pelas escolas<sup>4</sup>, mas devido ao fato de que essas instituições parecem que não estão preocupadas em reverter tal situação, não desempenham grandes esforços para combater essa postura consumista. Não há uma proposta educacional nacional, ou pelo menos regional, interessada em atacar o consumismo, em vez disso, o que se vê é apenas a realização de ações, projetos isolados, desenvolvidos por uma pequena parcela, um pequeno grupo de professores.

Através do que foi exposto, é possível afirmar que uma das principais funções da educação nietzschiana seria então promover uma espécie de libertação da liberdade<sup>5</sup> (LARROSA, 2002), pois o conceito de liberdade atual, na verdade aprisiona o homem, o empurra a uma necessidade incessante de trabalho e consumo. Esse processo de libertação constitui uma etapa intrínseca do percurso educacional proposto por Nietzsche. Para compreender melhor tal afirmativa é preciso observar a seguinte passagem da obra: *III Consideração Intempestiva: Schopenhauer Educador*:

O homem que não quer pertencer à massa só precisa deixar de ser indulgente para consigo mesmo; que ele siga a sua consciência que

---

<sup>4</sup> Na verdade, esse “pensamento” consumista parece ser difundido em outros setores, segmentos do convívio social: mídia, amigos, familiares etc.

<sup>5</sup> Vale informar que esta expressão “libertação da liberdade” é utilizada por Jorge Larrosa para intitular o terceiro capítulo da sua obra *Nietzsche e a Educação*.

lhe grita: “Sê tu mesmo! Tu não és isto que agora fazes, pensas e desejas”. Toda alma jovem ouve este apelo dia e noite, e estremece; pois ela pressente a medida de felicidade que lhe é destinada de toda a eternidade, quando pensa na sua verdadeira emancipação: felicidade à qual de nenhum modo alcançará de maneira duradoura, enquanto permanecer nas cadeias da opinião corrente e do medo. E como pode ser desesperada e desprovida de sentido a vida sem esta libertação! (NIETZSCHE, 2003a, p. 139).

Por meio da análise de tal passagem, é possível inferir que os pensamentos, as convicções que influenciam, definem as ações, escolhas, modo de viver dos indivíduos, na maioria das vezes, não são propriamente suas, são frutos de uma “miscelânea de opiniões e sentenças” que lhe são socialmente inseridas, e isso talvez desde o tempo em que ele nem tinha ainda uma consciência, por isso ele as aceita e segue como se fossem realmente suas.

E o processo de libertação consiste na identificação e abandono dessas convicções, crenças e opiniões forjadas e inculcadas socialmente. É justamente por esse motivo que a libertação é condição para a autonomia, pois, se a autonomia é entendida como uma capacidade para a construção de novos valores, antes dessa construção, dessa reelaboração é preciso pôr em dúvida, avaliar e, quando necessário, negar, descartar os valores, os ídolos consagrados atualmente, livrar-se de seus dogmatismos.

Então, pode-se sustentar que a educação nietzschiana representa também uma passagem, um caminho que vai do indivíduo domesticado, massificado (animal de rebanho), passando pela fase de desconstrução, destruição das correntes, dos valores que o tornaram medíocre (ações que correspondem ao processo de libertação), gerando, por fim, um indivíduo superior capaz de promover a construção, a elaboração de novos ideais, valores (apresentando agora a autêntica autonomia). É possível fazer uma analogia entre esse rito de passagem e transfiguração do educando e a metáfora empregada por Nietzsche ao tratar sobre o discurso das três metamorfoses do espírito, presente na obra *Assim Falava Zarathustra*. Neste discurso, o filósofo alemão escreve sobre como o espírito se transforma em camelo, e o camelo em leão, e, por fim, o leão em criança. As características que compõem cada espírito e suas transformações podem ser resumidas da seguinte forma:

[...] o camelo é um animal gregário, domesticado, escravizado, servil e de carga, um animal que diz sim a tudo o que se lhe impõe e que encontra sua felicidade em cumprir com o seu dever. O leão, por sua

vez, é o espírito crítico, rebelde. O espírito se transforma em leão porque “pretende conquistar a liberdade” [...]. O leão representa o movimento heroico do “fazer-se livre” [...]. Por isso, define-se por oposição e só pode viver da confrontação, da luta, da destruição. A criança, por último, é esquecimento, inocência, jogo, afirmação, criação, abertura, possibilidade, início (LARROSA, 2002, p. 110).

O leão é a libertação das “amarras” que dominavam o camelo, o leão é o libertador, mas não o criador, pois: “criar valores novos, nem mesmo o leão o pode; mas a liberdade para a criação nova, isso pode o poder do leão” (NIETZSCHE, 2009, p. 41 - 42). A tarefa de construção dos novos valores é tarefa da criança, pois ela apresenta a “[...] inocência, novo começar, roda que gira sobre si mesma, primeiro movimento, santa afirmação” (NIETZSCHE, 2009, p. 42).

De fato, essas três metamorfoses parecem ser o percurso do educando no processo educacional nietzschiano. O *camelo* representaria o homem formado nas instituições de ensino alemãs criticadas pelo referido filósofo, o indivíduo de rebanho, medíocre, corrente, movido e controlado por suas necessidades econômicas. O leão é o processo de libertação das amarras, dos valores que procuram domar, domesticar o homem, mas não é capaz de gerar novos valores, isso só a criança pode fazer. E a criança representa a fase de construção, criação, descoberta dos novos valores, ela representa a inocência, a pureza, características que fazem dela o ser capaz de promover a autêntica autonomia.

Portanto, é possível afirmar que a libertação representa a crítica dos costumes, dos dogmas e dos valores existentes, o ataque à mentalidade utilitarista que norteia as relações sociais, é um combate contra a visão e os princípios dominantes. Dessa forma, a libertação é condição para a autonomia, pois para descobrir e formular novos valores, novas visões de mundo, novos quadros de princípios, antes é necessário pôr em xeque, avaliar, desprender-se, largar os atuais. Pode-se afirmar que estes são os principais objetivos da educação nietzschiana: possibilitar a libertação, desenvolver a autonomia e promover a elevação cultural. Mas, qual é o conceito de cultura apresentado por Nietzsche em seus primeiros escritos? Tal ponto será abordado nos parágrafos que se seguem.

### 3. Cultura: acepção nietzschiana

O termo “cultura” foi, ao longo da história, empregado com diversas significações. Dessa forma, faz-se necessário o esclarecimento

acerca da compreensão que Nietzsche parece empregar ao evocar tal termo. E para melhor compreender o conceito de cultura utilizado por Nietzsche, parece ser imprescindível esclarecer a distinção entre *Kultur* (cultura) e *Zivilisation* (civilização), no que diz respeito à separação operada pelo pensamento alemão. Essa distinção será exposta a seguir.

No século XVIII, por obra da filosofia iluminista, a cultura passa a ser empregada como o conjunto dos modos de viver e de pensar cultivados, recebe agora o sentido de civilização. Ou seja, a partir do Iluminismo, a cultura é empregada quase como um sinônimo de civilização, na verdade, ela representa “[...] o padrão ou o critério que mede o grau de civilização de uma sociedade. Assim, a cultura passa a ser encarada como um conjunto de práticas: artes, ciências, técnicas, filosofias, os ofícios” (CHAUÍ, 2008, p. 55). No entanto, para os alemães, cultura e civilização, na realidade, são elementos distintos, e, de certa forma, até opostos.

A ideia de civilização é bem mais abrangente do que a noção de cultura. O termo civilização pode englobar as mais diversas manifestações, atividades humanas: os costumes, as boas maneiras, o desenvolvimento tecnológico, científico, as ideias religiosas, características concernentes à organização e construção de habitações, fatores que se remetem à culinária etc. Assim, “rigorosamente falando, nada há que não possa ser feito de forma ‘civilizada’ ou ‘incivilizada’. Daí ser sempre difícil sumariar em algumas palavras tudo o que se pode descrever como civilização” (ELIAS, 1994, p. 23).

Diferentemente do que acontece com a ideia de *Zivilisation* (civilização), a noção de *Kultur* (cultura), em sua concepção alemã, sugere uma divisão, ou melhor, uma separação: de um lado estão as produções, as ações de ordem artística, intelectual e religiosa; e, do outro, os fatos econômicos, políticos e sociais. Ou seja, a grande diferença entre o conceito de *Kultur* e o de *Zivilisation* é que este último abarca vários elementos, pode se referir a costumes, maneiras de se vestir, de comer, fatos sociais, políticos, econômicos etc.; já o primeiro, “alude basicamente a fatos intelectuais, artísticos e religiosos” (ELIAS, 1994, p. 24). Ocorre, portanto, que o conceito de *Kultur* indica produções humanas: “obras de arte, livros, sistemas religiosos ou filosóficos, nos quais se expressa a individualidade de um povo” (ELIAS, 1994, p. 24).

E é exatamente este significado mais limitado, mais restrito que parece ser evocado por Nietzsche em sua acepção de cultura, pois na *Segunda Consideração Intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida*, publicada em 1873, ele define cultura como: “[...] unidade de estilo artístico em todas as manifestações vitais de um povo” (NIETZSCHE, 2003b, p.

35). De acordo com tal concepção, cultura e povo parecem ser encarados como algo único, no sentido de que cada povo, cada nação tem capacidade para dispor de uma cultura que lhe é própria, que expressa manifestações únicas, autênticas. Afirma-se aqui que Nietzsche entendia que toda nação “deveria” ou “poderia” ter uma identidade cultural peculiar, no entanto, nem todos os povos de fato tinham uma cultura autêntica, inclusive, uma das críticas de Nietzsche é que a Alemanha não mais possui uma cultura própria: “na Alemanha até a simples ideia de cultura foi perdida” (NIETZSCHE, 2008a, p. 18).

O mesmo ressalta ainda que cultura e instrução são coisas distintas, a erudição e o acúmulo de informações não podem ser apontados como sinônimos de cultura, pois, para ele: “[...] o fato de saber muito não é nem um instrumento necessário nem um sinal de cultura e [...] concorda perfeitamente com seu contrário, a barbárie, ou seja, com a ausência de estilo ou a mistura caótica de todos os estilos” (NIETZSCHE, 2008a, p. 18). A cultura, para tal filósofo, só pode ser construída, desenvolvida pelo estilo, pela unidade, pela criação e experimentação, por isso a cultura autêntica, superior, nobre, não pode se resumir à memorização e reprodução de saberes, e sim é algo a ser criado, experimentado, vivenciado.

O objetivo do empreendimento educacional pensado por tal filósofo é promover a elevação cultural e favorecer o surgimento de seres únicos, autênticos. Sua concepção de educação não visa padronizar, uniformizar, antes ela pretende promover o afloramento das forças individuais, das singularidades, almeja ceder a cada um o “dom de ser si mesmo”, é uma educação que busca garantir com que o educando venha a “tornar-se o que se é”. Mas, o que significa tal expressão? Em que medida se pode afirmar que “tornar-se o que se é” e “transformação” são sinônimos? Tais questões serão o tema das próximas explicações.

#### 4. Tornar-se o que se é: educação como transformação

A educação nietzschiana não é voltada para uma formação, mas sim *prima* pela transformação. Ou seja, seu intento não seria modelar os homens, agindo como uma espécie de fôrma que, na verdade, acaba aniquilando as individualidades e originando homens iguais, comuns, ele não visa padronizar, nivelar, uniformizar. Ao contrário, a pedagogia de Nietzsche está mais voltada para a tarefa de potencializar a ação, a originalidade, a criação, despertar, fazer eclodir e explodir as forças e características mais singulares.

Assim, pode-se afirmar que o intento da proposta educacional nietzschiana é possibilitar a transformação, ou seja, uma formação que transcende qualquer tentativa de imposição e adequação a um modelo igualitário, medíocre, comum, massificador. A intenção aqui é possibilitar com que o indivíduo possa “tornar-se o que se é”. E isso não é uma tarefa fácil, pois, como bem se adverte: “Para ‘chegar a ser o que se é’ há que combater o que já se é” (LARROSA, 2002, p. 61).

Dessa forma, o “tornar-se o que se é” passa por um processo de investigação, reavaliação, desconstrução e reconstrução de valores, pensamentos etc., ou seja, é uma libertação e uma perene transformação. O “tornar-se o que se é” é um processo permanente, incessante, é uma tarefa contínua, uma transformação constante. Este processo não teria um ponto final, um marco de chegada, ele representa uma eterna construção de si.

É nesse sentido que “tornar-se o que se é” é apontado como uma constante transformação, porque este “tornar-se” representa um caminhar perene, um trajeto, um movimento interminável e por isso é uma transformação, porque não há uma formação fixa, definida, acabada, não há como assumir uma forma única, pois ela é constantemente construída, criada, reinventada, uma vez que o:

[...] tornar-se quem se é não significa *formar-se*, mas *transformar-se*, isto é: ser, a cada momento, aquele que nos tornamos. [...] Tornar-se aquele que se é não equivale a manifestar uma essência, atualizar uma potência (o que conduziria a um sujeito uno e idêntico), mas ser, a cada momento, aquele que nos tornamos; se a formação conduz à identidade, o segundo abre-se para a diferenciação (ROCHA, 2006, p. 277 grifo do autor).

O “tornar-se o que se é”, ou, se preferir, o “chegar a ser o que se é” é um caminhar contínuo. E caso alguém indagasse: onde encontro este caminho? Não seria difícil imaginar a resposta de Nietzsche, que talvez fosse mais ou menos assim: não há um caminho definido, delimitado, traçado, o que há é um caminhar, um movimento, uma busca. E a própria vida é este caminhar, é nela onde as transformações se dão. É na vida, é no viver onde: “[...] alguém se torna (vai se tornando, não cessa de se tornar) quem é” (ROCHA, 2006, p. 270).

Nietzsche, em sua concepção educacional, não se cansa de ressaltar a importância, o papel do mestre enquanto modelo e guia para o aluno. Nesse sentido, para torna-se quem se é, o aluno novamente pode se valer

do mestre como inspiração. No entanto, cada um precisa encontrar o seu próprio caminho. Afinal, o citado filósofo assevera que:

Ninguém pode construir no teu lugar a ponte que te seria preciso tu mesmo transpor no fluxo da vida – ninguém, exceto tu. Certamente, existem as veredas e as pontes e os semideuses inumeráveis que se oferecerão para te levar para o outro lado do rio, mas somente na medida em que te vendesses inteiramente: tu te colocarias como penhor e te perderias. Há no mundo um único caminho sobre o qual ninguém, exceto tu, poderia trilhar. Para onde leva ele? Não perguntes nada, debes seguir este caminho (NIETZSCHE, 2003a, p. 140 - 141).

Com isso, se percebe que a educação nietzschiana, enquanto abertura para o “tornar-se o que se é”, é um caminho único, peculiar, e cada discente tem o seu. Porém, esta transformação não é, de maneira alguma, um percurso isolado, ela se dá na articulação com a natureza, com as coisas, com a experiência da alteridade: “[...] isso significa que o homem se constitui no tempo, pelo encontro com outros efeitos, pela ação das circunstâncias que vêm ao seu encontro” (ROCHA, 2006, p. 270).

Então o percurso que conduz alguém a “tornar-se quem se é” não corresponde apenas a um autoconhecimento, não remete a uma busca interior, mas se dá também como uma espécie de abertura em direção ao exterior (GIACIOIA JR., 2004, p. 203). E este processo não conduz a um ponto de chegada, será sempre um projeto inacabado, porque está sendo construído e reconstruído a cada dia, a todo instante. É um processo ininterrupto, infundável, sempre inconcluso.

Portanto, o “tornar-se o que se é” não pretende conduzir a uma “identidade” fixa, e muito menos deseja a padronização, o nivelamento, ao contrário, este processo educativo, diferentemente da pseudoeducação moderna atacada por Nietzsche, abre espaço para a singularidade, a diferenciação. O “tornar-se quem se é” representa um sinônimo de transformação, que é um movimento constante, um devir, um vir-a-ser, um inventar-se, criar-se, recriar-se incessantemente.

A educação mediada pelo professor, pelo mestre nobre deve então despertar as forças singulares e criativas do indivíduo, do homem para que ele possa “chegar a ser o que se é”. Assim, mestre e discípulo:

[...] constituiriam uma ‘aristocracia intelectual’, rigorosamente selecionada, capaz de dirigir os destinos do seu povo, criando para ele novos valores, fazendo dele uma *‘humanidade integral’* e mostrando

a ele que o homem é uma obra de arte que a própria natureza determina, e que a indústria, o Estado e uma especialidade intelectual podem fazer degenerar (SOBRINHO, 2003, p. 36 grifo do autor).

O projeto educacional pensado por Nietzsche visa justamente possibilitar o desabrochar desta “aristocracia intelectual”, desta classe de artistas, filósofos, pensadores superiores, autênticos, nobres. Como já ficou evidente, na concepção do jovem professor Nietzsche, o aprendizado ofertado pela educação deve ter relação, ligação, influência direta na vida, no modo de pensar e de agir do estudante. A formação (que deve ser uma transformação constante), ao invés de visar à padronização, à massificação dos discentes, deve desenvolver suas forças criativas, reflexivas, potencializar seus “talentos” individuais, singulares. Pode-se dizer que a educação nietzschiana tem duas metas principais: possibilitar o surgimento do homem superior, e garantir a promoção, a criação, o desenvolvimento da cultura elevada.

Para tanto, a tarefa educativa não pode ser resumida à mera transmissão de conteúdos, e seu objetivo está longe de ser a acumulação, repetição ou memorização de conhecimentos ou saberes fixos, engessados, pois:

[...] a *Erziehung* [educação], para o filósofo alemão, não deve ser confundida com habilidades técnico-científicas de resolução de problemas, com o conhecimento enciclopédico dos livros, [...] com a Filosofia que repete o pensamento de outros, com saberes não criativos. A educação deve ser um processo contínuo de transformação, diríamos até de superação, da cultura vigente (FREZZATTI JR., 2008, p. 43).

A constante recriação, reconstrução, superação de si possibilitaria a elevação cultural. Toda a proposta educacional de Nietzsche está pautada neste objetivo: garantir o advento do indivíduo apto a produzir e propagar a cultura superior. Mas são poucos os indivíduos aptos a tal tarefa, e isso o leva a declarar que: “[...] não é a cultura da massa que deve ser a nossa finalidade, mas a cultura de indivíduos selecionados, munidos das armas necessárias para a realização das grandes obras que ficarão” (NIETZSCHE, 2003c, p. 90). É nesse sentido que se pode afirmar que a educação nietzschiana não visa uma democratização do ensino para a cultura superior, antes sua proposta aponta para uma aristocracia educacional, pois é possível dizer que, para tal filósofo: “[...] o povo provocava a queda da cultura e não sua elevação, pois suas necessidades seriam elementares, grosseiras e

estreitas. Em suma, um propósito nobre seria incompreensível para as massas” (FREZZATTI JR., 2008, p. 40).

Portanto, pode-se concluir que a educação nietzschiana não é destinada à massa. Seu sistema de ensino aponta para uma educação da exceção, dos poucos, dos seletos, pois nem todos os homens estão aptos a alcançar a elevação cultural. Ele parece indicar que a competência para tal tarefa tem origem metafísica, uma vez que “[...] para alcançar realmente a cultura, a própria natureza não destinou senão um número infinitamente restrito de homens” (NIETZSCHE, 2003c, p.88). Assim, o filósofo alemão apresenta uma teoria educacional elitista, no sentido de que a educação não é voltada para a coletividade, para o povo, para a massa, mas para o nascimento e o aprimoramento de uma espécie de homem superior, ou nobre, que deve se manter afastado dos desígnios do Estado e deve ser independente também com relação à sociedade, ele não está a serviço da nação, e muito menos do estado, sua pátria é a cultura, sua bandeira é o brasão da elevação cultural.

## **Considerações finais**

De posse do que foi apresentado neste trabalho, entende-se que a ideia de educação aristocrata pregada pela proposta educacional de Nietzsche seria simplesmente inconcebível para a educação atual, cuja base está assentada numa noção de democratização do ensino. No entanto, isso não quer dizer que outros aspectos do seu pensamento educacional não possam contribuir para uma reflexão do panorama educativo nacional atual. A educação vigente afirma almejar a geração de um estudante ativo, crítico, reflexivo, autônomo, livre etc., mas, para isso é necessário que se (re) pense sobre a conceituação, a definição, a autenticidade de tais termos, e é essa a contribuição que o filósofo alemão nos oferece ao tratar acerca da autonomia, da libertação e da cultura.

Ele nos leva a pensar, por exemplo, sobre a base da noção de liberdade propagada e aceita atualmente (noção essa que já vinha imperando desde a sua época), a saber, uma liberdade que parece ser pautada em desejos econômicos, “sonhos de consumo”, uma liberdade que conduz o homem a um círculo de compra – dinheiro – trabalho. Esse movimento circulatório nunca chegaria a um fim, pois veja: primeiro nasce (ou é implantada por influência da mídia ou do entorno social) uma necessidade de compra, mas para comprar é preciso ter dinheiro, e para adquirir dinheiro se tem que trabalhar, e quando enfim se chega ao objeto desejado

novamente surge outro “sonho de consumo”, e esse ciclo sempre se renova. Então, essa noção de liberdade é, na realidade, escravizante, pois conduz o homem a esse ciclo incessante. Assim, a liberdade antes deveria consistir no abandono desta falsa ideia de liberdade baseada em fins consumistas, nesse sentido, a liberdade é, acima de tudo, uma “libertação da liberdade”.

A concepção de autonomia também é posta em xeque. Pois ter capacidade para desempenhar sua autonomia não significa simplesmente identificar e aceitar os valores vigentes, é bem mais do que isso. A autonomia consiste em ter capacidade não só para identificar os valores que possam ser adotados, mas, sobretudo, para avaliá-los e, se preciso, abandoná-los e edificar novos valores, sempre suscetíveis a constantes avaliações, uma vez que eles não têm validade universal. Ou seja, essa noção de autonomia define o homem como um ser capaz de criar valores, e não meramente cultuá-los. E seu projeto educacional visa muito mais exaltar a natureza de cada estudante e não os forçar a ter, a assumir características, posturas e pensamentos massificados.

Essas noções de autonomia e libertação remetem diretamente às características do discente, do indivíduo gerado no processo educacional. Pois para que elas sejam justificadas é preciso ter em mente que tipo de estudante deverá brotar das instituições de ensino: os reflexivos, críticos, ativos, criativos, originais, únicos? Ou os conformistas, reprodutores, passivos, massificados, medíocres? O advento dos estudantes daquela primeira espécie só será possível quando o entendimento das noções de autonomia e libertação tiver a conotação próxima da apresentada por Nietzsche, caso contrário, apenas os da segunda espécie irão surgir.

Outra contribuição que o filósofo alemão nos cede diz respeito a sua compreensão acerca do objetivo da educação: o mesmo entende que um sistema de ensino que tenha por fim alcançar desígnios financeiros ou utilitaristas, e se limita à tarefa de preparar para o mercado de trabalho não pode ser chamado de sistema educacional, pois ele é apenas uma forma de instrução e não de educação, pois a educação deve promover a elevação cultural, e a cultura nobre nada tem a ver com qualificação para o trabalho. E de acordo com a concepção pedagógica do citado filósofo, pode-se falar que a maior parte das instituições de ensino brasileiras pode ser considerada um estabelecimento de instrução, mas não uma instituição de educação, uma vez que sua grande preocupação não parece estar voltada para a tarefa de promover o desenvolvimento cultural, seu maior interesse parece estar realmente mais centrado na preparação para o mercado de trabalho.

Todavia, não se quer aqui afirmar que a preparação para o mercado de trabalho não seja uma tarefa importante, tampouco declarar que as

instituições que ofertam essa formação devam ser extintas. O problema que se quer levantar, sob inspiração do pensamento educativo nietzschiano, é precisamente o seguinte: o ensino atual não concorre mais para um processo de aculturação ou alienação cultural do que propriamente para uma valorização ou desenvolvimento de uma cultura nacional, regional ou local? As instituições de educação atuais não poderiam ofertar um ensino que fosse mais voltado para a promoção e aprimoramento cultural? Será que os objetivos educacionais devem continuar a serem direcionados principalmente para essa formação “profissional”?

Esses são alguns dos questionamentos os quais o pensamento de Nietzsche nos conduz, e não é exagero afirmar que eles podem contribuir para uma reflexão acerca do panorama educacional brasileiro atual. No entanto, tais contribuições vieram em forma de questionamentos, afinal, por vezes, as perguntas suscitam bem mais reflexão do que as respostas. Há ainda algumas questões a serem pensadas. Pode-se afirmar que a missão que a grande maioria das instituições de ensino brasileiras assumiu como meta da educação é a formação para o trabalho. Mas, isso é tudo o que se deve almejar de nossa educação? Já não está no momento de uma nova abordagem, uma nova perspectiva educacional?

Para concluir, pode-se afirmar que a educação nietzschiana almeja possibilitar o surgimento de um indivíduo autônomo e livre, um indivíduo que não se resumirá à tarefa de seguir padrões, normas e modelos determinados, pois ele constantemente avalia, cria, recria seus próprios valores, a educação nietzschiana prima pela geração de homens superiores, criadores. O que se pode concluir de tais afirmações é que a teoria educacional nietzschiana é baseada num sistema de ensino cujo objetivo não seria promover uma formação, uma homogeneização, massificação, domesticação dos sujeitos, mas, sim, concorrer para permitir a transformação, o despertar, a explosão das potências, das forças individuais, singulares.

Ou seja, é uma concepção de ensino que visa enaltecer a natureza de cada um, e não padronizá-la, manipulá-la, controlá-la. Sua educação concorre para a promoção da elevação cultural do indivíduo, e a cultura aqui é tratada como um fim, e não como um meio para se alcançar fins lucrativos, econômicos. De acordo com tal filósofo, o bom educador seria então aquele que não educa, não forma, mas, sim, liberta. Libertação, transformação, autonomia são as bases, o fundamento desse modelo educacional, que deve potencializar a ação e a criação, constituindo-se assim num ensino que prima pela constante autossuperação, e não pelo

nivelamento do indivíduo. Como arremate, lança-se aqui uma última questão: nossa educação brasileira atual realmente liberta, ou apenas forma?

## Referências

- CHAUÍ, Marilena. Cultura e democracia. In: *Crítica y Emancipación: Revista Latino Americana de Ciências Sociais*. Ano 1, nº 1 (jun. 2008 ). Buenos Aires: CLACSO, 2008. p.53-76. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/secret/CyE/cye3S2a.pdf>> Acesso em 18/10/2012.
- DIAS, Rosa Maria. *Nietzsche educador*. São Paulo: Scipione, 2003.
- ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*. 2ª ed. Tradução de Ruy Jungman; e revisão e apresentação de Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- FREZZATTI JR., Wilson Antônio. Educação e Cultura em Nietzsche: o duro caminho para tornar-se o que se é. In: AZEREDO, Vânia Dutra de (Org.). *Nietzsche: filosofia e educação*. Ijuí: Unijuí, 2008. p. 39 - 65.
- GIACCOIA JR., Oswaldo. Sobre o tornar-se o que se é. In SILVA, João Carlos Salles da (Org.). *Schopenhauer e o Idealismo Alemão*. Salvador: Quarteto, 2004. p. 201 - 219.
- LARROSA, Jorge. *Nietzsche e a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim Falava Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução e notas de Mário Ferreira dos Santos. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- \_\_\_\_\_. *David Strauss, o sectário e o escritor: primeira consideração intempestiva*. São Paulo: Escala, 2008a.
- \_\_\_\_\_. *Genealogia da Moral: uma polêmica*. Tradução e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. III Consideração Intempestiva: Schopenhauer Educador. In: SOBRINHO, Noéli Correia de Melo (Org). *Escritos Sobre Educação: Friedrich Nietzsche*. São Paulo: Loyola, 2003a. p. 138 - 222.

\_\_\_\_\_. *Segunda Consideração Intempestiva: Da Utilidade e Desvantagem da História para a Vida*. Tradução de Marco Antônio Casanova, revisão Ernani Chaves. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003b.

\_\_\_\_\_. Sobre o Futuro dos Nossos Estabelecimentos de Ensino. In: SOBRINHO, Noéli Correia de Melo (Org). *Escritos Sobre Educação: Friedrich Nietzsche*. São Paulo: Loyola, 2003c. p. 41 - 137.

ROCHA, Silvia Pimenta V. Tornar-se quem se é: educação como formação, educação como transformação. In: BARRENECHEA, M.; PINHEIRO, P.; FEITOSA, C. (Org.). *Nietzsche e os Gregos: arte, memória e educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 264 - 281.

SOBRINHO, Noéli Correia de Melo. A pedagogia de Nietzsche (Apresentação). In: \_\_\_\_\_. *Escritos Sobre Educação: Friedrich Nietzsche*. São Paulo: Loyola, 2003. p. 7 - 39.